

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JULHO/1981



Cooperação e Interacção

Pág. 4



Serviço Mundial de Assistência Social Adventista (SMASA)

Pág. 5



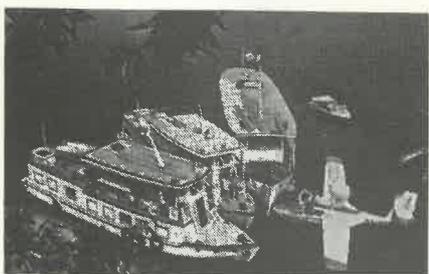
Submetendo a Vontade à Cruz

Pág. 9



Um Bom Dirigente

Pág. 10



O Serviço Militar e a Posição Adventista

Pág. 12

Flamingo,

Flamingo voando
voando...
Teu corpo de neve
e, tuas asas
cor-de-rosa,
Que beleza mostram
em espirais
tão graciosas,

Tu lá de tão
alto,
Olhas para mim
e... continuas voando,
voando... mas,

Reparando na minha
dor,
Pedes-me, gritando-me,
Não olhes para baixo,
não penses na maldade
dos homens,
Não sofras,

Olha para cima,
Lá, nas profundezas
do Céu sem fim,
Terás algo de sublime,
valioso,
puro, amoroso,
Tens Jesus!!!

Isabel Nobre Cordeiro
Junho 1977



SUMÁRIO

- Flamingo
- Editorial
- Cooperação e Interação
- Serviço Mundial de Assistência Social Adventista (SMASA)
- Submetendo a Vontade à Cruz
- Um Bom Dirigente
- O Serviço Militar e a Posição Adventista
- Notícias do Campo

Revista Adventista

Publicação mensal

JULHO DE 1981
ANO XLII N.º 418

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º
Telefone 251 0844
2686 SACA VÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual 200\$00
Número Avulso 20\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos:

No Calendário Adventista, o dia 11 de Julho é destinado à promoção das vocações para o ministério.

A falta daqueles que se deviam ocupar da seara fez já Jesus exclamar: «A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros» (Mat. 9:37).

Encontram-se neste momento, nos nossos colégios de Sagunto e Collonges, cerca de 20 alunos portugueses que se preparam para servir ao Senhor nos vários ramos da obra. Esperamos que a sua entrada, nos próximos anos, possa substituir aqueles que, pouco a pouco, vão chegando ao fim da sua carreira.

Há, no entanto, necessidade de novos rapazes e meninas que vão respondendo ao chamado do Senhor para colaborar nesta difícil mas bela missão. Com as suas próprias forças ninguém se sente idóneo para tal trabalho, mas com certeza de se ser sustido pelo poder divino a tarefa pode ser levada a cabo. A promessa de Jesus, de que estaria connosco todos os dias até à consumação dos séculos, cumprir-se-á cada dia na vida dos Seus fiéis obreiros.

Os momentos passados junto a um leito de dor, os momentos passados a argumentar com alguém que busca a verdade, os momentos passados junto a um corpo sem vida, que acompanhamos à sua última morada, exigem sabedoria, fortaleza moral e espiritual, que necessitamos de renovar cada dia junto d'Aquele que é Vencedor em todas as batalhas.

Imaginamos os momentos de alegria quando mergulhamos nas águas baptismais alguém que conduzimos aos pés do Senhor, quando unimos a vida de dois jovens que marcham sob um jugo igual, ou quando apresentamos ao Senhor uma pequena vida que começa a palmilhar este pobre mundo! São compensações que todo o obreiro deseja e aspira.

Há, pois, uma alegria imensa em servir ao lado do Mestre dos mestres, mas haverá também momentos em que necessitaremos da Sua ajuda, da Sua força para nos suster no meio de lutas e tristezas que parecem querer destruir todo o nosso entusiasmo.

O Senhor lança um apelo à nossa juventude — aos rapazes e meninas de nossas igrejas — para que tomem o facho do Evangelho e o façam penetrar em novos lugares — cidades, vilas e aldeias do nosso país.

Há ainda muito trabalho a ser feito e recordo aquela célebre frase de E.G. White: «Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! Quão depressa poderia vir o fim — o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa, em lugar desta possessão aqui, com sua mancha de pecado e dor, poderiam nossos filhos receber a sua herança onde 'os justos herdarão a terra e habitarão nela para sempre'; onde 'morador algum dirá: Enfermo estou', e 'nunca mais se ouvirá nela voz de choro!」 — *Educação*, pág. 271; citado também em *Mensagens aos Jovens*, pág. 196.

Que no sábado 11 de Julho seja lançado em todas as nossas igrejas um apelo a fim de que novos alunos comecem os seus estudos de Teologia nas nossas escolas e se preparem para o ministério!

Que nas nossas orações incluamos um pedido insistente ao «Senhor da Seara, para que envie obreiros para a Sua Seara» (Lucas 10:2) e a Obra possa ser assim finalizada!

J. Morgado

Cooperação e Interacção

No livro *Educação*, pág. 286, é-nos dito que devemos estudar «as lições de cooperação que encontramos nas Escrituras.» Notável entre as muitas ilustrações do esforço cooperativista e de interacção na Bíblia, encontramos a construção do tabernáculo, a restauração do muro de Jerusalém e a alimentação da multidão.

Muitas vezes ficamos a nos perguntar como sintetizar e criar uma atmosfera de acção co-participativa entre líderes leigos e a obra organizada da igreja. Talvez a seguinte experiência nos ajude a responder a esta indagação.

Não há muito tempo a minha esposa, Elinor, e eu, passámos um proveitoso fim-de-semana nas Montanhas Catskill de Nova Iorque com um dinâmico grupo de irmãos e irmãs, profundamente espirituais, na sua convenção anual.

O grupo é conhecido por ASI. Alguns dos leitores sabem o que estas letras significam, mas todos na igreja deviam estar informados sobre esta organização, os seus objectivos, e o seu relacionamento para com a igreja. As letras significam «Adventist Laymen's Service and Industries» (Serviço de Leigos Adventistas relacionados com actividades de trabalho em indústrias e outros). O seu lema ou moto é: «Trabalhar em Cooperação com Deus». Presentemente há cerca de 700 membros nesta organização incomum. Estes membros são adventistas leigos cujo alvo é testemunhar do grande amor de Jesus Cristo e da Sua breve volta a todos com quem entrem em contacto, e isto não apenas ao Sábado, mas cada dia da semana nos seus negócios e actividades profissionais. Alguns destes membros são pessoas individuais, mas há outros que representam grandes organizações, instituições, indústrias, actividades de negócios, empreendimentos comerciais, e serviços profissionais.

Gostaria de poder mencionar a todos, mas uma vez que isto é impossível, mencionarei uns poucos que servirão para ilustrar a variedade. O Harding Hospital, uma notável instituição psiquiátrica em Whorthington, Ohio; o Wildwood Sanitarium, possui cerca de 60 postos externos de actividade centralizados em seis ou sete países fora da América do Norte; consultórios médicos e dentários; certo

número de centros educativos; programas de treinamentos para surdos; uma muito eficaz extensão de rádio-televisão denominada «A Hora de Quietude»; O popular programa também eficiente de radiofonia para crianças intitulada «A tua Hora de História»; o orfanato Harris Children's Home em Alabama; relatos sobre «Terras Bíblicas», e exibição ou exposição de escultura em areia na Califórnia; uma companhia de discos e cassetes missionários; e o Maranatha Flights Internacional, que nos poucos anos passados ajudou a igreja na construção de uma centena de templos, um bom número de escolas, e vários hospitais e orfanatos em três ou quatro continentes.

Os escritórios da ASI são os mesmos escritórios da Associação Geral em Washington, e existe um relacionamento singular entre a ASI e a Divisão Norte Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os membros da ASI conquanto representando esforços independentes, são, não obstante, personalidades compatíveis com as normas éticas, financeiras, profissionais e espirituais estabelecidas pela igreja. Eles trabalham em íntima harmonia com pastores e administradores de campos. James Aitken é o secretário executivo da ASI, e merece muito crédito pela sua vigorosa actividade presente.

Isto é suficiente sobre os objectivos, origem, e composição da ASI. Gostaria que tivésseis ouvido o procurador da justiça Harold Lance, de Ontário, Califórnia ao fazer ele um apelo aos seus companheiros líderes leigos e membros da ASI. Ao ouvir o seu testemunho pessoal de entrega a Cristo e à missão da igreja, senti que isto fez um grande bem à minha alma. Ele convocou os seus colegas para se unirem a ele em dar uma oferta de gratidão em favor de alguns dos esplêndidos empreendimentos como o ministério vanguardeiro de saúde na cidade de Nova York. Cerca de 100 000 dólares foram doados por este grupo, e parece que o fizeram com grande naturalidade e alegria. Gostaria que tivésseis ouvido as emocionantes histórias, uma após outra, sobre salvação de almas relatadas pelos membros da ASI.

A convenção terminou com banquete, onde Robert Muller, secretário Associado das Nações Unidas, foi o principal orador. Ele é chamado «Profeta da Esperança» nas Nações Unidas, e possui uma vibrante e optimista filosofia de vida. A sua esposa, Margarita, acompanhou-o à convenção, e eles descobriram que existia uma outra organização de cunho católico, isto é, universal, a saber, a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Se tiver uma oportunidade de assistir a uma reunião seccional ou nacional de convenção da ASI, espero que não a perca. A sua alma ficará electrizada, será um desafio para a sua fé, e sentir-se-á orgulhoso dos talentos e mordomia espiritual deste grupo incomum, representativo da grande comunidade de fé a que você e eu pertencemos.



NEAL C. WILSON

Presidente
da Conferência Geral

Serviço Mundial de Assistência Social Adventista (SMASA)

**Entrevista realizada
em 21/1/81
pelo Pastor Victor Cooper, Director
Associado do Departamento
de Comunicações
da Conferência Geral, ao Pastor
Richard O'Ffill,
Director Executivo do Serviço
Mundial de Assistência
Social Adventista.**

Cooper — Pastor Richard O'Ffill, o senhor é o director do Serviço Mundial de Assistência Social Adventista. É isso o Serviço de Beneficência Adventista do Sétimo Dia?

O'Ffill — O Serviço Mundial de Assistência Social Adventista foi originalmente estabelecido com um grande significado de beneficência. Foi estabelecido após a Segunda Guerra Mundial, particularmente para conduzir o influxo de refugiados europeus. Contudo, o SMASA começou a envolver-se naquilo que nós chamamos «actividades de desenvolvimento», pelas quais tentamos ajudar uma pessoa a ajudar-se a si mesma. A ênfase da mão estendida começou a perder significado, e assim a palavra «beneficência» foi omitida.

Cooper — Então o vosso serviço é agora conhecido como «Serviço Mundial Adventista do Sétimo Dia». Sois uma organização internacional?

O'Ffill — Estamos muito felizes em poder dizer que o Serviço Mundial Adventista do Sétimo Dia é o serviço internacional de ajuda e desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O SMASA é uma agência voluntária registada legalmente, reconhecida por organizações nacionais e internacionais como um canal de meios para ajuda a pessoas necessitadas.

VICTOR COOPER — Director Associado
do Departamento de Comunicações da Conferência Geral
RICHARD O'FFILL — Director Executivo
do Serviço Mundial de Assistência Social Adventista

Em 1980 conduzimos ou apoiámos programas em 55 países e operámos programas em curso em 15 países. Temos escritórios em determinadas áreas. Por exemplo, há um SMASA - Austrália, onde têm uma organização australiana sob a direcção dum director executivo. Eles têm centros onde são recolhidos os recursos materiais, e são muito activos na Bacia do Pacífico, por exemplo, e no Sudeste Asiático. O SMASA - Canadá, é uma organização canadiana com programas particularmente em África, e eles trabalham de perto com a Assistência de Desenvolvimento Internacional Canadiana (ADIC). O SMASA — Euro-África está providenciando 100 toneladas de alimentos e roupas para África. Eles estão também a suportar um projecto de abertura de poços no Norte dos Camarões.

Cooper — Quer isso então dizer que o vosso propósito básico consiste em assistir pessoas desprivilegiadas a um melhor meio de vida?

O'Ffill — Em países que possuem recursos, o SMASA organiza-se no sentido de levar ajuda a países em necessidade.

Cooper — Uma aventura Robin Hood — não para roubar os ricos, mas para aceitar dos ricos, para dar aos pobres?

O'Ffill — Sim — para canalizar dos que têm para os que não têm.

Cooper — Quão importante isto lhe parece? É a tarefa dos Adventistas mais no sentido de pregar o evangelho e anunciar a segunda vinda de Cristo do que ajudar as pessoas pobres? Deveríamos nós deixar a obra de beneficência à Cruz Vermelha, Exército de Salvação e outras organizações caritativas?

O'Ffill — Bem, alguns até chegam a referir-se a uma citação de Ellen G. White que parece concordar com essa ideia. Mas eu creio que devemos colocá-la sob o devido contexto porque, também nos é dito que, se fôssemos amáveis, amorosos, ternos e piedosos como deveríamos ser, ganharíamos 100 onde agora ganhamos um. Também temos a admoestação de Mat. 25 — tive fome e destes-me ou não de comer; estava nu e vestistes-me ou não. O que é afinal de contas, religião verdadeira? Nós sentimos que o SMASA representa uma compaixão na

qual a nossa comunicação do evangelho não é feita apenas em palavras, mas em obras.

Cooper — Isaías 58 em acção?

O'Ffill — Certo, no mais alto sentido.

Cooper — O vosso objectivo em tudo isto é ajudar pessoas a ajudarem-se a si mesmas, em vez de dar coisas às pessoas e torná-las dependentes do doador?

O'Ffill — Sim. Devemos ser cuidadosos em como administramos os recursos àqueles que não têm as necessidades básicas da vida, de modo a não exigirmos um preço espiritual. Veja, estas pessoas estão numa condição de aceitar tudo o que tivermos para oferecer. Se elas sentirem, por exemplo, que receberem alimentos da nossa parte é condicional com o assistirem às nossas reuniões evangelísticas, ou até se baptizarem, colocamo-nos numa situação clássica de «cristãos arroz». De facto isto tem acontecido algumas vezes em alguns lugares. E por isso é extremamente importante que não cobremos preço espiritual e que deixemos as pessoas saberem que estamos preocupados com o seu status nutricional; que estamos preocupados com as suas condições de vida, com as suas crianças, porque são seres humanos, e não porque os possamos ver como candidatos a membros de igreja.

Cooper — Pastor O'Ffill, além do senhor e de Milton Nebblett, Conrad Visser, Mario Ochoa, e das suas secretárias aqui na sede geral da igreja, quantas pessoas estão envolvidas no SMASA? Qual é o tamanho da organização?

O'Ffill — Nós temos nas divisões ao redor do mundo os directores dos SMASA que superintendem os programas dos SMASA nos seus campos, e temos nos vários países directores de SMASA ou representantes que estão encarregados da administração do programa.

Cooper — Deste modo pensa que haja cem pessoas envolvidas neste trabalho? Quantas?

O'Ffill — No Peru, por exemplo, o programa do SMASA tem talvez 50 pessoas assalariadas nos seus quadros. Há provavelmente 200-300 voluntários associados com este programa. No Chile deve ser algo semelhante. Na Tailândia, onde o programa dos refugiados está em curso, temos tido para cima de 150 médicos e enfermeiras e pessoal paramédico que participam no programa. De maneira que é muito difícil dizer, em qualquer altura, quantas pessoas estão ocupadas em administrar o programa do SMASA. Cada dia, cerca de 350.000 pessoas, na sua maior parte crianças, beneficiam do nosso programa mundial de alimentação. A sua dieta é suplementada por comidas enriquecidas de proteínas. Num país deve haver 500 centros de distribuição. Noutro país, 1000 centros. De modo que, como vê,

o número do pessoal envolvido no SMASA é enorme.

Cooper — Na lista dos vossos programas aqui na sua carta-notícias, Relatório SMASA, vejo que tem um número de projectos para desastres, socorro ou algo relacionado com tal. Poderiã falar-nos deles?

O'Ffill — Para nos dar uma ideia da magnitude dos desastres, no ano que acaba de terminar, portanto 1980, foram distribuídos, aproximadamente, 20.000.000\$00, pelo nosso SMASA aqui na sede mundial e pelos SMASA que são dirigidos pelas sedes das nossas dez divisões. O principal e mais recente desastre em que participámos foi o terramoto de Itália que devastou e sacudiu o sul da Itália. Estamos satisfeitos de poder dizer que o projecto de socorro para este desastre foi administrado, exclusivamente, do lado europeu da sede do nosso SMASA em Berna, Suíça. O nosso pessoal ali carregou camiões com alimentos, cobertores, tendas, e enviou-as com equipas de socorro directamente para as aldeias atingidas. Distribuíram pessoalmente estes recursos, estabeleceram cidades de lona, ou seja acampamentos com tendas, administraram primeiros socorros e ajudaram a remover entulho. Outro desastre sério durante o ano de 1980 foi o furacão Allen que varreu através das Caraíbas e atingiu vários países. Aqui na Conferência Geral, o SMASA ajudou com mais de 5.300.000\$00 no sentido de aliviar alguns dos efeitos do desastre. E eu desejo dizer-lhe, Pastor Cooper, que estamos a encorajar os nossos representantes a envolverem-se não apenas em socorro mas em reabilitação. Como pode compreender, enviar uma tenda, por exemplo, é uma medida temporária. O que as pessoas necessitam é de ajuda para construir novas casas. Na República Dominicana, o SMASA em cooperação com uma organização de fundos europeia, está actualmente a construir centenas de casas permanentes que serão (se existe tal coisa) resistentes aos furacões. Sentimos que, se tivermos 100 dólares para dispendir, é preferível comprar chapas de zinco para um novo telhado do que comprar uma tenda, porque se não chegarem socorros dentro de dois dias, as pessoas conseguem arranjar abrigo temporário. De maneira que estamos a envidar esforços no sentido do nosso socorro ser apropriado.

Cooper — Quanto dinheiro é dispendido anualmente pelo SMASA? Provém todo ele de Adventistas do Sétimo Dia?

O'Ffill — O fundamento do orçamento do SMASA é a oferta anual para Sinistrados e Famintos. É o dólar que torna possível todos os outros programas do SMASA, sem o qual nada poderíamos fazer. Em 1980 o custo do nosso ministério mundial excedeu 80.000.000\$00. Na verdade, a oferta para Sinistrados e Famintos não atinge esta soma. Atinge usual-

mente cerca de 8.000.000\$00. Nas outras divisões do mundo, 50% da oferta para Sinistrados e Famintos fica aí reservada para a resposta imediata a desastres que possam ocorrer nas suas áreas de responsabilidade.

Cinquenta por cento é enviada para aqui para a Conferência Geral para distribuição mundial em caso de necessidade. Aqui na América do Norte, 100% da oferta para Sinistrados e Famintos vem para a Conferência Geral. Nós não apenas enviamos ajuda para fora da América, mas também ajudamos em projectos Norte Americanos. Este ano enviámos 636.000\$00 para uma das nossas Conferências no Sudoeste para ajuda às vítimas do Furacão Allen. De maneira que, enquanto o nosso povo dá, não está apenas a dar para lugares longínquos, mas está a dar também para qualquer desastre que possa ocorrer na América do Norte.

Sendo a oferta para Sinistrados e Famintos cerca de 8.000.000\$00, recebemos dádivas e fundos de agências tais como já antes mencionei — a ADIC, Assistência de Desenvolvimento Internacional Canadiana. Também da Agência para desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos. Recebemos também dinheiro de muitas fontes governamentais. Nós não geramos recursos, recebemos recursos e trazemos os recursos juntos para os programas.

Cooper — Diga-nos algo sobre as suas relações com governos e organizações governamentais.

O'Ffill — Os governos explicam-nos que acreditam que os tipos mais eficazes de programas humanitários consistem em programas de pessoa a pessoa. Eles agradam-se em colocar recursos nas nossas mãos pelos quais seremos então as mãos, pernas e braços destes programas. Isto é um custo muito mais eficaz. Não é político e faz melhores relações entre os povos.

Cooper — Como vos relacionais com o Departamento da Saúde? Estais operando em cooperação com ele?

O'Ffill — Gostamos de sentir que o SMASA seja uma agência de apoio. Por exemplo, não apenas nos foi possível providenciar largas somas de dinheiro para aumentar a capacidade hospitalar além-mar, mas o SMASA também provê cerca de 53.000.000\$00 a 106.000.000\$00 em valor de medicamentos que são doados por casas farmacêuticas às nossas instituições além-mar. Também providenciamos equipamento médico que é bastante necessário. O SMASA está numa relação complementar a trabalhar com os Departamentos de Saúde, Educação e outros departamentos da Igreja. Contudo, devo acrescentar que muitas das nossas ajudas do SMASA além-mar estão para além do presente círculo de influência da Igreja.

Cooper — Que pensa terá sido o maior empreendimento do SMASA em 1980?

O'Ffill — Penso que foi o esforço na ajuda Tailando-Cambodjana. Este esforço envolveu os serviços doados de 150 pessoas, com centenas de milhares de dólares dispendidos directamente em dinheiro. Tem sido instrumento, juntamente com os esforços de outras agências, em reverter a situação — quase toda aquela nação esteve prestes a perecer. Neste ano passado, 1980, a situação foi estabilizada e, em certo grau, revertida — pelo menos em termos do status nutricional das pessoas. Isto tem sido um êxito. No lado do desenvolvimento, uma das coisas que mais nos tem excitado é o nosso programa em Haiti. Estamos ali a construir uma grande fábrica de louça e escritórios. Há 65.000 beneficiários nesse país.

Cooper — Sei que têm também um programa no Ruanda. O que é que estão a tentar fazer ali? Ensinar as pessoas a cultivarem a sua própria comida?

O'Ffill — É um programa de alimentação para crianças escolares. Quando o SMASA lançou um programa escolar num determinado país, a frequência escolar duplicou. Agora pode imaginar os efeitos de desenvolvimento global dum programa como este num país com 90% de iletrados, se pudermos conseguir trazer as crianças para a escola.

Cooper — Recebe todo o seu dinheiro de Adventistas?

O'Ffill — Os nossos membros dão para nós uma vez por ano através da oferta para Sinistrados e Famintos. Contudo, temos aqueles que têm decidido incluir o SMASA nas suas ofertas mensais regulares. E há, com certeza aqueles que não são provavelmente membros da nossa Igreja, que enviam fundos exactamente para aqui para a Conferência Geral. Recebemos provavelmente à volta de 75.000 a 100.000 dólares por ano numa base regular daqueles que enviam ofertas mensais para aqui para a Conferência Geral. Isto em adição à oferta anual e aos apelos especiais. Por exemplo, quando fizemos o ano passado o apelo para o Cambodja, chegou aqui directamente à Conferência Geral um milhão de dólares para este programa. O apelo para a África Ocidental já excedeu 100.000 dólares. Isto soa a uma terrífica soma de dinheiro, mas quando uma pessoa pensa no trabalho a ser realizado, não é suficiente. Há dias recebi uma chamada telefónica de um homem que disse: «Eu desejo fazer-lhe saber que estou preocupado com o problema mundial da fome e por isso vou passar a enviar-lhe 1000 dólares (cerca de 50.000\$00) mensalmente durante este ano para os programas do vosso SMASA. Se o Senhor permitir irei até enviar um pouco mais.» Portanto isto alegra os nossos corações e encoraja-nos a avançar. De facto, posso dizer isto, Pastor Cooper, quando

ocorre um desastre ou surge uma situação crítica em alguma parte do mundo, o nosso povo começa a telefonar-nos a perguntar-nos o que estamos a fazer ou tencionamos fazer, de modo que posso dizer virtualmente que o ministério do SMASA está crescendo por requisito popular. O nosso povo não se senta quieto e nos deixa sem nada poder fazer. E estamos muito felizes com isso.

Cooper — Portanto encoraja as pessoas a darem numa base regular?

O'Ffill — Sim. Há um problema que penso devemos abordar neste ponto. Há outras organizações, organizações irmãs, que têm recursos e suportam programas de televisão, por exemplo comprando até tempo primário. Aplaudimos a obra que estas organizações estão realizando, contudo, sentimos algumas vezes que se o nosso povo soubesse que o SMASA está empenhado em alimentar 350.000 crianças por dia, ou que o SMASA tem um programa na África Oriental, Tailândia, América Latina e Ásia, suportariam com a mesma prontidão o SMASA. Não porque queiramos dizer que nos devam apoiar com a exclusão das outras organizações, mas que prefeririam apoiar o SMASA porque faz parte da família.

Cooper — Pastor O'Ffill, sei que muitas pessoas hoje em dia estão preocupadas com o que dão para organizações caritativas em virtude de ser gasto muito dinheiro em custos de administração. Poderia fazer um comentário e dizer qual a percentagem que da oferta dum pessoa vai actualmente para tal projecto?

O'Ffill — Estive exactamente a calcular há dias, que em 1979 mais de 98 cêntimos de cada dólar foi para o beneficiário. Talvez mesmo 99 cêntimos. Ora isto pode flutuar. Ao presente eu diria que está entre 97-99 cêntimos.

Cooper — Não penso que haja organizações que possam fazer melhor do que isso.

O'Ffill — Não. Nós não podemos fazer melhor do que isso.

Cooper — E eu suponho que é também verdade dizer que o dinheiro que é dado pelos nossos membros é também multiplicado quando contabiliza o dinheiro que entra do governo e de outras fontes.

O'Ffill — Oh, sim.

Cooper — Portanto por cada dólar que um membro dá, está virtualmente dispendendo dez.

O'Ffill — Nós estamos a dispende dez, isto é verdade. A oferta para Sinistrados e Famintos é a base. Por exemplo, há casos em que nos dizem, «se derdes um dólar, nós daremos quatro». Isto significa que se entrarmos num projecto, por exemplo em Haiti, o arranjo é este, « Nós daremos 9 dólares se vocês derem 1». Bem, se não tivéssemos o 1 dólar, não nos seria possível receber os 9.

Cooper — Precisaís de mais de 10 milhões de dólares em 1981?

O'Ffill — Sim. Em 1981 esperamos que vá além dos 15 milhões. Há actualmente alguns programas que têm uma extensão mais alargada e que são menos custosos, se puder crer uma tal coisa, e outros que absorvem largas quantias de recursos, tais como o programa do Peru. Embora isto seja apenas num país, beneficiando cerca de 130.000 pessoas, possui um orçamento de quase 5 milhões de dólares. O programa de que lhe falei que estará em 15 países durante um período de três anos custará apenas cerca de 4,2 milhões de dólares, mas é um projecto de natureza diferente. É um projecto de labor intensivo, Esta é, portanto, a diferença.

Cooper — Pastor O'Ffill, a ajuda que o SMASA dá destina-se só a Adventistas?

O'Ffill — Posso dizer-lhe que 98% da ajuda que damos a nível mundial não se destina a Adventistas do Sétimo Dia. O Serviço Mundial de Assistência Social Adventista é por sua própria natureza um empreendimento não sectário. Ajudamos qualquer e todos; não perguntamos a que igreja as pessoas pertencem. E assim dum maneira muito prática, 98% não se destina a Adventistas, não porque os excluamos de propósito, mas porque os Adventistas não constituem o nosso alvo. As únicas condições para se receber ajuda do SMASA são que o recipiente necessite da nossa ajuda e tenha um desejo de fazer o que possa para se melhorar a si mesmo.

Cooper — Muito obrigado, Pastor O'Ffill. Que Deus abençoe o SMASA em 1981!

Uma Revista Adventista em cada lar

Submetendo a Vontade à Cruz

Cristo diz: «Eu sou a videira verdadeira, e Meu Pai é o lavrador. Toda a vara em Mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. ... Estai em Mim, e Eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim. Eu sou a videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque, sem Mim, nada podeis fazer.»

Não é suficiente crermos numa parte da verdade, temos de apreender verdade após verdade, e tanto pelo preceito como pelo exemplo, devemos ensinar a verdade tal como ela é em Jesus. Quando vêm tristezas, poderemos ver o amor de Cristo em tudo isso, e a plenitude do amor divino poderá conservar o coração em perfeita paz. Se estivermos em Cristo teremos de estar continuamente buscando a verdade como se de um tesouro escondido se tratasse, para que a nossa apreensão da verdade possa ser rápida e compreensiva. Então não estaremos envergando as vestes da resistência, e estaremos prontos a predispor-nos contra as coisas que combatem contra a alma no nosso tempo.

Cristo continuamente desdobra velhas verdades numa nova luz. A única maneira de estarmos preparados para uma mais perfeita apreensão da verdade, é manter o coração sensível e submisso ao Espírito de Cristo. Não podemos dar-nos ao luxo de deixar endurecer o coração; pois se somos alunos na escola de Cristo, teremos os nossos conhecimentos em constante crescimento.

Jesus faz o convite: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve.» Quando vamos a Jesus como humildes estudantes, tentando saber qual a vontade de Cristo, não teremos surpresas desagradáveis. O que d'Ele recebermos será para nós luz, e vida, e salvação. Andaremos na luz do Sol da Justiça, avançando de uma luz para outra ainda maior, e a cada passo o nosso coração se encherá de gratidão pelas preciosas revelações do Seu amor. Não andaremos em trevas, veremos Aquele que é o nosso único ajudador, Aquele que tem as palavras da vida eterna.

Jamais devemos pensar que não há mais verdades para nos serem reveladas. A história dos últimos anos ensinou-nos que as palavras ditas por Jesus aos Seus discípulos se aplicavam a nós. Ele disse: «Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora». Mas creio que não teremos a experiência daqueles discípulos que, quando novas verdades lhes eram reveladas, não

mais O acompanhavam, mas «por causa do mundo, ficavam ofendidos.» Será repetida a experiência destes discípulos, que obteve de Jesus estas palavras «Mas há alguns de vós que não crêem. Porque bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que O havia de entregar... Desde então, muitos dos Seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com Ele. Então disse Jesus aos doze: Quereis vós, também, retirar-vos? Respondeu-Lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que Tu és o Cristo, o Filho de Deus.» (João 6:64-69)

«Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; antes, rejeitámos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia, nem falsificando a palavra de Deus; e, assim, nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos que não crêem, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Porque não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.» (II Cor. 4:1-6).

SANTOS ANJOS AO TRABALHO

Pudessem os nossos olhos abrir-se, e pudesse cada um ver o conflito dos agentes angelicais com as confederações satânicas, que estão combinadas com agentes humanos perversos, que perplexidade se abateria sobre as almas. Os santos anjos estão trabalhando com incrível intensidade pela salvação de homens, pois o destruidor de almas está procurando invalidar a salvação comprada a tão infinito custo. Pudessem a nossa visão espiritual abrir-se, veríamos aquilo que jamais se apagaria da memória até ao fim dos nossos dias.

Veríamos almas prostradas sob a pressão, carregadas de tristeza e alquebradas como uma carroça sob o peso dos molhos, e prestes a perecer de desânimo. Veríamos anjos voando velozmente em auxílio de almas tentadas que se encontram como que à beira de um precipício. Estas almas tentadas são incapazes de se ajudarem a si próprias, e assim evitar a ruína que as ameaça; mas os anjos de Deus estão forçando os anjos maus a

uma retirada, e estão a guiar as almas para longe dos locais perigosos, a firmarem-se sobre terreno seguro. Veríamos batalhas entre os dois exércitos, tão reais como as que dois exércitos terrenos travam.

Quando o poder de Satanás sobre as almas é quebrado, vemos homens unirem a sua vontade à da cruz, e crucificarem a carne com as afeições e paixões. É realmente a crucificação do eu; pois a vontade é entregue a Cristo. A vontade do homem nunca é demasiado forte mesmo quando é santificada e posta ao lado de Jesus. O querer é um poder. E como muitos triunfos têm de ser alcançados na batalha espiritual, e muitos passos de progresso a serem dados na jornada espiritual, e muitas lições a serem aprendidas de Jesus, o grande Mestre, é necessário que a vontade seja santificada. Ao submetemos a vontade, chega-se ao âmago da questão. Quando a vontade é rendida, as águas que correm da fonte não são amargas, mas claras como cristal. As flores e frutos da vida cristã abrirem-se-ão e amadurecerão até à perfeição.

Jesus Cristo é o nosso exemplo em todas as coisas. Ele começou a vida, passou pelas Suas experiências, e terminou o Seu relato, com uma vontade humana santificada. Foi tentado em todos os pontos como nós o somos, e no entanto, por ter mantido a Sua vontade entregue e santificada, Ele nunca se vergou no mais ínfimo grau para o lado do mal, ou para o lado da rebelião contra Deus. Têm homens e mulheres que professam ser seguidores de Cristo estado a satisfazer meramente os seus gostos, e a confirmar-se em egoísmo, obstinação, vivendo simplesmente para satisfazer as suas propensões carnis? Aqueles que teimarem em viver deste modo tornar-se-ão, em certa altura da sua experiência, ofendidos pela verdade apresentada da Palavra de Deus. Não podem ser um em Cristo ou permanecer n'Ele, pois recusam os termos em que a salvação foi provida. Eles não usam o jugo de Cristo nem levam o fardo de Jesus; pois d'Ele não aprendem suavidade e humildade de coração.

Aqueles que possuem uma vontade santificada, ou seja, em unísono com a vontade de Cristo, terão, dia a dia, a sua vontade unida à vontade de

Cristo, o que será uma bênção para outros, e agirá neles próprios com divino poder. Muitos cultivam aquelas coisas que guerreiam contra a alma; pois os seus desejos e sua vontade estão postos contra Deus, e empregues ao serviço de Satanás.

Deixemos de satisfazer o inimigo ao queixarmos-nos da força da nossa vontade maligna; pois ao assim fazermos estamos alimentando e encorajando a nossa vontade contra Deus, e comprazendo o maligno. Lembremo-nos de que somos filhos de Deus, que nos comprometemos em cuidar de uma vontade santificada que vem de Deus. «Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no Seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.» (João 1:12-15)

Quando resistimos ao diabo, ele fugirá de nós, e nós elevar-nos-emos acima da fraqueza humana de um modo que será misterioso até para nós próprios. Não será o dia do juízo que determinará os nossos interesses eternos; mas é a submissão a influências que poderão sujeitar o nosso carácter à moldagem de Cristo, ou oporem a nossa vontade à vontade de Deus. O alvo principal da vida de Cristo era fazer a vontade do Seu Pai celestial. Ele não Se ofendeu com o Pai; pois Ele não vivia para satisfação própria. A vontade humana de Cristo não O levaria à tentação do deserto e ao jejum. Não O teria levado a suportar humilhação, escárnio, censura, sofrimento e morte. A Sua natureza humana retraía-se em face destas coisas tanto quanto a nossa o faz. Ele suportou as contradições dos pecadores contra Si próprio.

O contraste entre a vida e o carácter de Cristo e a nossa vida e carácter é algo de doloroso. Para que viveu Cristo? Para fazer a vontade do Seu Pai celestial. Cristo deixou-nos um exemplo, para que sigamos os Seus passos. Estaremos nós a fazê-lo?

Reimpresso de «Signes of the Times», de 29-10-1894 pela Adventist Review de 31-1-1980

J. M. MATOS

UM BOM DIRIGENTE

«Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. Para estes certamente cheiro de morte; mas para aqueles cheiro de vida para vida. E para estas coisas quem é idóneo?» II Cor. 2:15,16.

I — INTRODUÇÃO

O dirigente é indispensável em qualquer grupo. Uma massa de homens sem chefe constitui uma turba. Grupo sem chefe é corpo sem cabeça, é rebanho à

deriva. As pessoas toleram o poder e até o desejam desde que sejam bem dirigidas.

O dirigente é indispensável na Igreja. Foi assim no passado: Abraão, Moisés, David, etc. É assim no presente e sê-lo-á no futuro sem sombra de dúvida.

II — REQUISITOS MORAIS PARA SER UM BOM DIRIGENTE.

1. UMA PESSOA ESPIRITUAL

Uma pessoa que tem Jesus como Modelo, um dirigente espiritual encara todos os seus problemas como Cristo o faria se estivesse no seu lugar.

2. UMA PESSOA DE VISÃO

O chefe que não tenha a visão da sua missão não será um chefe feliz e eficaz. A alegria abandona-o e o fracasso espreita-o porque a inteligência recusa trabalhar se não cremos na causa que servimos e se não temos a visão da nossa missão.

3. UMA PESSOA PACIENTE

O trabalho do dirigente coloca-o muitas vezes em face de situações muito arreliaadoras. Apesar disso o chefe não pode perder a paciência com frequência e dar-se ao luxo de dizer certo número de coisas debaixo de tensão.

4. UMA PESSOA HUMILDE

Du Theil escreveu:

«A virtude principal de um dirigente e talvez a mais rara é a humildade.»

Somos todos dirigentes humanos — nesse sentido insignificantes — mas ocupados numa grandiosa tarefa que nos engrandece.

Foerster diria mesmo:

«Toda a autoridade que não é humilde é grotesca.»

5. UMA PESSOA BONDOSA

A bondade é a preocupação desinteressada pelos outros e que nos leva à prática de obras generosas e amigáveis.

A Bíblia fala-nos de Demétrio, um homem bom, uma pessoa que «Amado, não sigas o mal, mas o bem. Quem faz bem é de Deus; mas quem faz o mal não tem visto a Deus. Todos dão testemunho de Demétrio, até a mesma verdade; e também nós testemunhamos; e vós bem sabeis que o nosso testemunho é verdadeiro.» III S. João 11,12.

É unicamente a graça de Cristo morando no coração que pode fazer com que um chefe seja bondoso.

6. UMA PESSOA DE RESPONSABILIDADE E DETERMINAÇÃO

O dirigente que receia as responsabilidades e que

limita a sua ambição a coisas fáceis e vulgares, sempre carecerá de alma para arrastar os outros.

Corau afirmou:

«Tudo o que se fez de grande no mundo foi feito sob o signo do dever; tudo o que se fez de miserável foi feito em nome do interesse..»

7. UMA PESSOA DE CORAGEM

Reveses? Algumas vezes. Frustrações? São certas. Problemas? Certíssimos. Dificuldades? Muitas; mas desânimo NUNCA!

O desânimo é um pecado. O chefe conta com as dificuldades mas não se deixa dominar por elas.

Abraão Lincoln disse uma vez, a propósito das dificuldades da vida:

«Uma árvore mede-se mal quando está caída.»

8. UMA PESSOA HONESTA

Nada exista que substitua um carácter íntegro para se conseguir a confiança das pessoas e dos grupos. Um chefe não tem o direito de diminuir-se porque qualquer falta de honestidade redundará numa diminuição de prestígio para ele e para o ideal que ele representa.

Quem pode medir a desilusão, a diminuição de confiança, a quebra dos laços familiares, o afrouxamento da noção do dever, etc. que se seguem à queda dum chefe que não se manteve nos caminhos da honestidade?

III — CONCLUSÃO

Jesus foi o Chefe Modelo. O Chefe ideal em termos humanos não existe. A nossa condição humana com tudo o que isto significa impede-nos de alcançar a situação ideal como chefes.

«...e para estas coisas quem é idóneo?»

Mas todos podemos caminhar na rota do progresso como dirigentes na causa do Senhor.

«Não há limite para aqueles que, pondo de parte o seu eu, procuram pela graça de Deus aperfeiçoar-se cada vez mais à medida que o tempo vai passando.» (E. G. White)

Possa a reflexão deste tema ser uma benção para todos nós.

Assine e divulgue a

Revista Adventista

O Serviço Militar e a Posição Adventista

O serviço militar, o porte de armas de fogo e os riscos dum conflito armado, que se tornaram de novo tópicos actuais, necessitam de ser examinados seriamente.

Aqui e ali em alguns países do globo, os quais nos refraremos de mencionar, estamos a assistir a um ressurgimento de actividades bélicas e militares e as autoridades governamentais têm estado a pressionar os nossos jovens que têm pedido para serem incorporados em serviços «não combatentes» onde não peguem em armas. Como poderemos permanecer insensíveis a uma situação que se pode generalizar e colocar a nossa juventude em dificuldades? As circunstâncias políticas e económicas mundiais, assim como a corrida aos armamentos nestes últimos dias, devem levar-nos a uma séria reflexão, tanto pessoal como colectiva, acerca da posição oficial de «não-combatente» adoptada pela igreja.

COMO CHEGARAM OS ADVENTISTAS A ESTA POSIÇÃO?

Muitos adventistas, especialmente das gerações mais recentes, pensam que chegámos a esta posição de um dia para o outro graças aos conselhos inspirados do Espírito de Profecia. Ao examinarmos este problema no seu contexto histórico, compreendemos que chegámos a esta atitude como resultado de uma laboriosa conquista. Sim, a serva do Senhor desempenhou a sua parte no assunto no sentido de reconciliar as atitudes das pessoas e orientá-las na direcção certa.

Durante os anos de 1860 a 1863, os Adventistas completaram a organização da Igreja. Isso se deu, exactamente, durante o período da guerra civil dos Estados Unidos (1861-1865), as causas reais do conflito foram a consolidação da União dos Estados e a emancipação dos escravos. Para realizar este objectivo os estados do Sul precisavam de ser conquistados um após o outro e toda a resistência na área do sul esmagada. Em 31 de Janeiro de 1865 o Senado Americano votou a 13ª Emenda à Constituição. Esta emenda referia-se à abolição da escravatura em toda a União. Em 9 de Abril de 1865 terminou a Guerra Civil Americana e em 18 de Dezembro do mesmo ano, a emenda foi ratificada e posta em execução.

Antes de ter estalado este conflito, a nossa obra tinha-se expandido do Este até ao Oeste (da América ou Estados Unidos), mas não ainda nos Estados onde prevalecia a escravatura. Durante o último ano de hostilidades, os Adventistas fizeram uma declaração, perante as autoridades civis, que merece ser aqui mencionada, porque marcou um avanço dos nossos pioneiros (!) no sentido dos esforços para se alcançar a nossa presente posição face ao serviço militar e ao porte de armas. Tal declaração é como segue:

«Os Adventistas do Sétimo Dia são resolutamente anti-escravatura, apoiam o governo contra a rebelião e são leais ao governo». (The Views of Seventh-Day Adventists Relatives to Bearing Arms, pág. 7 - 1864).

Os nossos irmãos e irmãs que viveram durante o período da Guerra Civil foram confrontados com a questão de votar ou não a favor de Abraão Lincoln. Nos seus escritos, Tiago White evitou sabiamente condenar ou advogar o exercício do voto. «Não estamos preparados a provar pela Bíblia que seja errado a um crente na terceira mensagem angélica, que se conduz de acordo com a sua profissão de fé, votar. Nós não recomendamos isto nem nos opomos.» (R&H, 21 Ago.1860). É interessante notar que um ano antes, em 6 de Março de 1859, numa reunião de oração na igreja de Battle Creek, onde estavam presentes Tiago e Ellen White, foi decidido que seria apropriado aos adventistas observadores do Sábado votarem nas eleições da cidade do dia seguinte, dando o seu apoio a homens que eram candidatos a cargos administrativos os quais apoiavam os princípios da temperança. (Temperança, págs. 255 - 256).

Outro acontecimento que os Adventistas tiveram de considerar foi a mobilização, decretada pelo Presidente Lincoln pela primeira vez em 15 de Abril de 1861 com vista a obter voluntários — se possível 75.000 homens. 71 jovens da cidade de Battle Creek foram chamados a servir sob a bandeira. Em 4 de Julho de 1861 o Congresso Americano reuniu-se para uma sessão especial, e autorizou o Presidente Lincoln a constituir um exército de 500.000 voluntários. Ofereceram prémios de 25 a 100 dólares, daquele tempo, para encorajar o alistamento de tais elementos. Vemos Tiago White, ele próprio, activamente empenhado em recolher fundos para este fim. Devemos dizer que ao fazer isto ele e outros com ele, estavam a procurar evitar o recrutamento militar obrigatório o qual teria colocado sérios problemas aos guardadores do Sábado.

Quando Tiago White e seus colaboradores foram interpelados acerca desta recolta responderam: «Pensamos que a nossa acção estava correcta; essa é a ra-

ção por que nos empenhámos nela em Battle Creek». (R & H, 30 Ago. 1864).

Outro obstáculo mais sério contra o qual se tiveram de bater estes primeiros adventistas foi o recrutamento militar. Tiago White escreveu um editorial acerca disto, o qual foi publicado na «Review and Herald» de 12 de Agosto de 1862, e no qual explicava que seria tolice resistir ao governo: «Quando as leis civis nos ordenarem ou forçarem a nos afastar da obediência à Lei de Deus, para nos unirmos àqueles que estão a viver em rebelião contra o governo do Céu (ver Apocalipse 13:15-17) então será tempo de encarar as possibilidades de martírio. Mas atentarmos e resistirmos às leis do melhor governo sob o céu, que está agora a procurar abater a rebelião ... repetimos, seria loucura. Aqueles que são leais ao governo do Céu, verdadeiros à constituição e leis do Governador do Universo serão os últimos homens a «escaparem-se» para o Canadá, ou Europa ou ficarem com medo dum destacamento militar.» (Editorial de Tiago White, «A Nação» na R&H de 12 de Agosto de 1862).

Não demorou muito sem que este artigo tivesse provocado uma onda de críticas: houve discussões e divergências de opinião e finalmente, em defesa do seu editorial («A Nação»), Tiago White publicou dois textos explanatórios, um datado de 26 de Agosto de 1862 e o outro de 21 de Outubro do mesmo ano. Eis um extracto dum deles: «Vários irmãos referem-se às nossas observações sob este título (A Nação), duas semanas depois, num estilo de certo modo ardoroso. Convidamo-los a lerem o artigo de novo, e certificarem-se se compreendem a nossa posição antes de se oporem a ela. Detei-vos irmãos! Este não é o tempo para cavalheiros cristãos darem largas a sentimentos de preconceito, e acusarem-nos virtualmente de ensinarmos a violar o Sábado e a assassinar. Teria sido melhor para todos vós terdes levado o assunto perante Deus, e assegurardes para vós mesmos um espírito humilde e disposto a ser ensinado; então se algum de vós for destacado e escolher ter uma pega com o Governo em vez de obedecer, podeis experimentá-lo. Não contenderemos convosco, a menos que alguns de vós não-resistentes levanteis alguma pequena guerra antes de serdes chamados a lutar pelo vosso país. Qualquer artigo bem escrito, com o objectivo de aclarar o nosso dever, como povo, em relação com a presente guerra, receberá pronta atenção». (R&H 26 de Ago. 1862). E agora, um extracto do segundo texto: «Devemos lealdade ao governo sob o qual vivemos. Estamos sob a obrigação de apoiar o governo até ao momento em que ele requeira de nós que desobedeçamos a Deus, então não devemos hesitar sobre qual serviremos... Confio que Deus nos guardará de tal prova, mas se a prova vier, rogarei a Deus por sabedoria e força a fim de O glorificar guardando os Seus mandamentos. (R&H 21 Out. 1862).

A primeira lei sobre recrutamento militar não previu qualquer serviço não-combatente. Contudo, era possível substituir o serviço militar contra o pa-

gamento de 300 dólares («Porposta de Lei sobre Recrutamento» de Março de 1863). Em Fevereiro de 1864, uma emenda ao «Acto do Recrutamento» de 1863 indicava as disposições básicas providenciadas para «não-combatentes», isto é, serviço em hospitais, cuidado dos escravos livres e o privilégio de ficar isento do pagamento dos 300 dólares. É aqui que o texto em questão dizia: «Os membros de denominações religiosas que declarem, quer por juramento ou outra forma, que por razões de consciência não desejem pegar em armas, serão considerados como não combatentes na ocasião da incorporação (Emenda ao «Acto de Circunscrição» de 1863, Fev. 1864). Os Adventistas não iniciaram nada com vista ao reconhecimento de «não-combatentes» na altura em que entrou em vigor a isenção pelo pagamento de 300 dólares. Pagar uma tal soma por todo o objector significava esvaziar os fundos, e os interesses financeiros da obra seriam seriamente ameaçados. Uma proposta de lei assinada em 4 de Julho de 1864 revogou a cláusula comumente conhecida como «a cláusula de isenção dos 300 dólares»; contudo, manteve-se para aqueles que «conscienciosamente se opunham a pegar em armas».

Finalmente, os Adventistas elaboraram uma «declaração de princípios» assinada pelo comité da Conferência Geral e submetida em 3 de Agosto de 1864 ao Governador do Michigan, sr. Austin Blair. Dava as razões pelas quais os nossos jovens não se tinham sentido livres de se alistar e requeriam o estatuto de «não-combatentes» em seu benefício. Aqui está um extracto: «Como um povo estamos abrangidos pela intenção da última acção do Congresso referente àqueles que conscienciosamente se opõem a pegar em armas, favorecidos pelos benefícios das ditas leis». Passos idênticos foram dados noutros estados, tais como Wisconsin, Illinois e Pensilvânia com resultados positivos. O Pastor J. N. Andrews apresentou ao Grande Preboste-Mor, Tiago Fry em Washington D.C. alguns endossos governamentais com cartas de recomendação de certos oficiais militares, os quais nos permitiram ser aceites como «não-combatentes».

No começo de 1865, o presidente Lincoln fez outra chamada para alistamento de 30.000 homens. Tiago White também fez um chamado a todas as igrejas, convidando os membros a orarem, porque não podíamos continuar a pagar 300 dólares por cada adventista obrigado a cumprir o seu serviço militar: «Confiança em Deus e na eficácia da oração, e nas directrizes da Sua Palavra profética, cremos que a obra de Deus não há-de ser prejudicada... A obra de Deus nestes últimos dias não deve, nem poderá parar». (R&H 21 Fev. 1865). Esta declaração expressa a esperança e fé do Comité da Conferência Geral, que tinha de facto, chegado à conclusão de que na guerra então em curso, teria de pôr fim ao pagamento dos 300 dólares (ver R&H 21 Fev. 1865). No Sábado, dia 4 de Março de 1865, quando Abraão Lincoln tomou posse do seu segundo mandato como Presidente, dez mil adventistas oravam para que a guerra pudesse terminar rapidamente devido a estar a prejudicar a causa

da verdade. De facto, a guerra terminou em 9 de Abril de 1865. E Tiago White fez o seguinte breve relatório acerca deste acontecimento: «O ar ecoou com gritos, Richmond foi tomada! e Lee rendeu-se! Cidades e vilas foram iluminadas. Fogueiras e roquetes iluminaram os céus, enquanto eram gritados vivas repetidas vezes a Lincoln, Grant, Sherman e Sheridan. Mas o leal povo de Deus estava sobre os seus joelhos agradecendo a Deus pela resposta às suas orações, e chorando de alegria pela fidelidade de Deus em cumprir a Sua palavra (R&H 25 Abril 1865).

DECLARAÇÃO DO ESPÍRITO DE PROFECIA CONCERNENTE AO SERVIÇO MILITAR

O conhecimento destes antecedentes históricos em conexão com a nossa posição de não-combatentes permitir-nos-á seguir mais facilmente as diferentes intervenções do Espírito de Profecia na questão do serviço militar e da guerra. No Sábado, dia 12 de Janeiro de 1861, Ellen White foi tomada em visão em Parkville Michigan, e foi-lhe revelado que a Carolina do Sul se uniria a outros estados e que resultaria daí uma guerra mais terrível. Foi-lhe dada uma visão de exércitos em conflito, com terrível carnificina por meio de balas e baionetas; ela viu campos cobertos de mortos e moribundos. Testemunhou cenas de sofrimento e prisões abarrotadas, e viu lares onde a dor e a angústia reinavam devido à perda de maridos, filhos ou irmãos. Depois de sair da visão, olhou à sua volta, na casa onde estava e disse com tristeza: «há alguns nesta casa que perderão filhos nesta guerra». (Relato escrito por W. C. White, D.E. Robinson e A.L. White).

Em Janeiro de 1862, num artigo intitulado «O Norte e o Sul», E. G. White explicou aos Adventistas a verdadeira razão da guerra. (ver Testemunhos, vol. 1, págs. 253-260, edição inglesa). Em 3 de Agosto de 1862 escreveu outro artigo intitulado: «A escravidão e a guerra», e isto a seguir à visão que ela tivera um ano antes. (Idem págs. 266-267). Em Janeiro de 1863 um terceiro texto apareceu (idem págs. 355-368). Ela deu a sua primeira advertência específica em relação com o alistamento e o recrutamento. Quatro pontos importantes emergem dessa advertência:

- 1) — O resultado final da guerra (Testemunhos, vol. 1, págs. 359, 365, 368).
- 2) — A crítica provocada pela posição de Tiago White e outros dirigentes (idem pág. 357).
- 3) — Prudência em relação com a crise por vir (idem pág. 357).
- 4) — Reflexões sobre submissão ao governo (idem pág. 361) e alistamento (idem pág. 361-362).

Deveríamos referir que a lei sobre o alistamento não tinha ainda sido introduzida, nem quaisquer medidas sobre consciência individual, a observância do Sábado e a posição de «não-combatentes».

E. G. White que esteve na Europa de 1885 a 1887 não deu qualquer conselho acerca dos três jovens

Adventistas suíços empregados na Casa Publicadora de Basileia, que haviam sido chamados a prestar serviço militar. Ela não especificou se eles deviam aceitar ou rejeitar o alistamento, assim como o uso do uniforme ou farda. Os seus comentários são limitados àquilo que encontramos numa das suas cartas escritas de Basileia, Suíça, em 2 de Setembro de 1882: «Acabámos de nos despedir de três dos nossos homens responsáveis no escritório que foram chamados pelo governo a servirem durante três semanas em exercícios militares. Era um período muito importante do nosso trabalho na casa publicadora, mas os chamados do governo não se acomodam com as nossas conveniências. Ordenam que jovens que tenham sido incorporados como soldados não negligenciem o treino e os exercícios essenciais ao serviço militar. Estávamos contentes de ver que estes jovens com as suas fardas tinham distintivos de honra pela fidelidade no seu trabalho. Eram jovens de confiança. Eles não foram por sua livre escolha, mas porque as leis do seu país assim o requeriam. Encorajámo-los a serem verdadeiros soldados da cruz de Cristo. As nossas orações seguirão estes jovens, para que os anjos de Deus os acompanhem e os guardem de toda a tentação». (E. G. White, Carta não copiada n.º 23, 1886: Escrita de Basileia, Suíça, 2 Setembro 1886).

Não temos muitos textos sobre o serviço militar, o porte de armas e a guerra da serva do Senhor; mas o que ela escreveu sobre este assunto guiou e suportou os nossos pioneiros ao buscarem adoptar uma posição equitativa respeitante à consciência individual e ao mesmo tempo honrarem a Cabeça da Igreja.

PORQUE TEM ESTA POSIÇÃO DE «NÃO-COMBATENTES» PERMANECIDO IMUTÁVEL DENTRO DA NOSSA DENOMINAÇÃO?

Devido ao facto de, entre a Guerra Civil Americana e a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos não terem estado envolvidos em qualquer conflito; por conseguinte: a questão do serviço militar e a nossa atitude para com ele caiu no esquecimento, acrescido do facto de, entretanto, terem falecido todos os dirigentes que haviam elaborado esta posição. Esta é a razão por que, quando rebentou a guerra em 1914, a nossa igreja não estivesse preparada para enfrentar os problemas que se levantaram. Contudo, durante os anos de 1917-1918 a Igreja confirmou de novo a nossa posição de não-combatentes. Depois disso estabeleceu um programa de Serviço de Saúde Adventista para preparar a nossa juventude no caso de conflito. Além disso, foi durante a Segunda Guerra Mundial que o número máximo de soldados adventistas não-combatentes foi atingido. A atitude da denominação foi altamente apreciada pelas autoridades assim como os serviços prestados pelos nossos jovens com vista a aliviar o sofrimento humano.

Em 1954, a Conferência Geral, reunida em sessão confirmou a nossa atitude oficial uma vez mais por um voto («Adventistas do Sétimo Dia, o governo e a guer-

ra») que foi emendada no Outono do mesmo ano.

Então, por ocasião do Conselho anual, em 1969, tomou outro voto significativo tomando em consideração o escopo de soluções que nos tinham sido sucessivamente oferecidas, assim como o respeito pela escolha individual de cada um neste assunto. Eis a redacção desse voto: «Recomendamos aos jovens da igreja solicitados a tomarem uma decisão quanto ao serviço militar no seu país, a estudarem primeiro a posição de «não-combatentes» da denominação, a qual pode conduzir a optarem por ela ... (ou outras soluções)» (12 Outubro 1969).

Mas a declaração mais importante encontramos-na na emenda ao voto de 1954 da Conferência Geral, feita em 1972, que transcrevemos integralmente a seguir:

«As relações dos Adventistas do Sétimo Dia para com o governo civil e a guerra».

«Votado que aceitemos como ponto de vista básico a acção da sessão da Conferência Geral de 1954 intitulada, «as relações dos Adventistas do Sétimo Dia para com o Governo civil e a guerra», emendada como segue:

«O cristianismo genuíno manifesta-se a si mesmo em boa cidadania e lealdade ao governo civil. A ocorrência da guerra entre os homens, contudo, de modo nenhum altera a aliança suprema do cristão e a sua responsabilidade para com Deus ou modifica a sua obrigação de praticar as suas crenças e de colocar Deus em primeiro lugar.

Esta associação com Deus por meio de Jesus Cristo que veio a este mundo não para destruir as vidas dos homens, mas para salvá-las, leva os Adventistas do Sétimo Dia à advogar uma posição de não-combatentes, seguindo o seu divino Mestre em não tirar a vida humana, mas rendendo todo o serviço possível para a salvar. Como aceitam a obrigação de cidadania assim como os seus benefícios, a sua lealdade ao governo requer deles que sirvam de boa vontade o estado em qualquer capacidade não-combatente, civil ou militar, na guerra ou na paz, de uniforme ou sem ele, que contribua para salvar vidas, pedindo que apenas

serviram naquelas capacidades que não violem as suas convicções conscienciosas.

Esta declaração não é uma posição rígida mantendo os membros de igreja, mas oferece guia deixando o membro individual livre para solucionar a situação por si mesmo». (Conselho Anual da Conferência Geral, cidade do México, México, Outubro de 1972).

Com o tempo, muito progresso tem sido feito no campo do serviço militar e o porte de armas. Na verdade, um bom número de governos tem reconhecido a objecção conscienciosa e legislado leis autorizando todos os objectores de consciência a alistarem-se em serviços cívicos como substitutos do serviço militar. Na Áustria têm até melhor solução: Os jovens podem escolher entre dois tipos de serviços oferecidos pelo governo, ambos do mesmo valor: serviço militar e serviço civil que não substitui o primeiro.

Escusado será dizer que a posição de objector de consciência, onde é reconhecida, tem algumas vantagens sobre aquela de não-combatentes, e a solução elaborada pela Áustria é superior à da não-participação por razões de consciência que permite a substituição do serviço militar por serviço civil. Onde isto existe, os nossos jovens devem tirar vantagem destas leis que autorizam o serviço civil em vez do serviço militar, ainda que, se nalguns países, tenham de ser mobilizados alguns meses mais. Todo o Adventista que ama o Senhor e deseja honrá-lo sabe em que lado se deve colocar.

Hoje um bom número de movimentos religiosos, humanísticos e políticos não apenas recusam pegar em armas, mas também recusam vestir uniforme ou farda. Opõem-se fortemente contra o militarismo e gostariam de forçar os seus governos a operarem uma desmilitarização total. Por conseguinte, também se opuseram ao serviço civil que substitui o serviço militar. Todos estes movimentos gostariam que nos uníssemos a eles numa luta unida. Mas considerando as vitórias ganhas graças à conscienciosa objecção, mantemos a nossa posição de não-combatentes.

É verdade que esta última não tem progredido com o tempo e que parece ser menos vantajosa do que

LIVRARIA DA IGREJA ADVENTISTA

ESTAS, E MUITAS OUTRAS
OFERTAS SENSACIONAIS

Saiba viver melhor!

certifique-se desta afirmação.

- LIVROS MAGNÍFICOS
- CARTÕES POSTAIS
- DISCOS
- CASSETES
- JOGOS BÍBLICOS



Para si e seus filhos

à Rua Joaquim Bonifácio, 17 LISBOA

as outras posições acima mencionadas. Porque razão a retemos então ainda?

O SERVIÇO MILITAR E A POSIÇÃO ADVENTISTA

Na minha opinião, existem, pelo menos, quatro respostas plausíveis a esta questão. Primeira, a nossa Igreja é um movimento mundial, a quem está confiada uma missão igualmente mundial (Mat. 10:7,8; Lucas 16:15,16; Apoc. 14:6) que deve, por conseguinte, exercer o seu ministério sob vários tipos de governo tendo cada um uma diferente compreensão do problema que estamos abordando. O que é reconhecido e garantido por uns, não é reconhecido por outros, ou somente em parte.

Segunda, as actuais leis relacionadas com a objecção conscienciosa e o serviço civil não constituem uma garantia permanente. É sempre, de facto, possível que em novas situações, especialmente se um outro estado for ameaçado, os governos com uma tal abertura revoguem todas as leis que presentemente nos são favoráveis. Terceira, a posição oficial de não-combatente adapta-se muito bem a todos os tipos de governo, mesmo os mais difíceis. Oferece a possibilidade de uma solução em qualquer circunstância, mesmo no caso de guerra. Quarta, permite-nos sacrificar-nos a nós mesmos, mesmo morrer, em serviço pelos nossos semelhantes, mas não pela honra de nos tornarmos vítimas desnecessárias.

Mas não devemos concluir que a nossa Igreja permaneça passiva porque se agarra firmemente a uma posição oficial. Longe disso! Pelo contrário cultiva, a nível local e por vezes a nível superior, relações de cordialidade e boa compreensão com governos compreensivos, os quais se têm mostrado muitas vezes muito compreensivos para com os nossos pedidos. Em vários países, tem sido principalmente devido às nossas negociações com as autoridades que certas leis, propícias à liberdade de consciência, têm sido promulgadas e também gozadas por não-Adventistas.

NECESSIDADE URGENTE DE PREPARAR OS NOSSOS JOVENS PARA A CRISE FINAL. COMO CONSEGUI-LO?

Todos nós temos o sentimento de que o fim está muito perto e que Jesus voltará em breve. O Senhor está a dirigir os acontecimentos, disso estamos convencidos, e aquilo que não tivermos feito em tempo de paz e liberdade, teremos de o fazer em tempos difíceis tanto para nós como para todo o mundo. O Espírito Santo investirá a Igreja com poder e os meios que a habilitem a pregar o Evangelho eterno com tal eficiência e velocidade que toda a terra seja cheia com este conhecimento e não será possível aparecer uma nova geração sem ter ouvido as boas-novas da sal-

vação. Portanto, será a última geração e testemunharemos o cumprimento da profecia de Mateus 24:14.

Tudo nos adverte que este período de crise se aproxima. Por conseguinte, é nossa responsabilidade preparar a nossa juventude para isso. Que deveríamos fazer?

1) — Primeiro estudar com ela melhor e mais profundamente — nas igrejas e nos grupos — a palavra profética para o nosso tempo e os acontecimentos finais tais como são encontrados, em particular, nos livros de Daniel e Apocalipse.

2) — Pedir-lhe que ousadamente cultive uma vida espiritual mais intensa e uma comunhão mais íntima com Jesus, de modo que a sua religião não seja mais ou menos uma submissão sincera aos mandamentos, regulamentos eclesiásticos e dogmas, mas pelo contrário, uma religião onde a alegria e a vida de Cristo resplandecem na família, escola, universidade, escritório, fábrica e trabalho missionário. Em resumo, em qualquer campo mesmo em ocupações de lazer.

3) — Organizar reuniões regulares para adolescentes, para as quais se devem convidar aqueles que terminaram o seu serviço militar ou civil de modo que eles partilhem a sua própria experiência, tratar da nossa posição histórica, o papel do Espírito de Profecia sobre este ponto, a atitude de outros governos sobre este assunto, o desenvolvimento do problema e do seu aspecto legal no seu país e algures, e assim por diante. Talvez não seja possível examinar certos aspectos em público ou em grupos, caso em que deveriam ser discutidos num nível individual, somente, no interesse de cada jovem abrangido pelo serviço militar quer em tempo de paz ou de guerra, e tendo particularmente em mente a crise final.

Que o Senhor nos ajude, e nos proteja de posições extremas as quais poderiam prejudicar a Sua igreja ou cada crente, e nos dirija a revelar uma atitude sábia inspirada pela vida e ensinos de Cristo. Possam os Adventistas ser submissos e leais aos governos estabelecidos e ao mesmo tempo obedientes às leis do Céu e que jamais se curvem para comprometer a sua consciência, iluminada tanto pelo Espírito Santo como pela palavra de Deus sobre o lugar e voto do Cristão no mundo.

**CRISTO VEM
COMUNIQUEMOS AGORA!**

CONGRESSO REGIONAL

Como já vem sendo hábito, de há anos a esta parte, teve lugar de 29 a 31 de Maio o Congresso Regional das Igrejas do Sul.

Mantem-se sempre vivo no espírito e na alma do povo de Deus o entusiasmo motivado pela perspectiva do encontro, que era já timbre do Israel antigo e que continua a ser do peregrino povo do Advento.

Um vistoso programa com o título «Congresso 81» foi preparado com arte e esmero para a circunstância. Um sugestivo cliché representando os três anjos do Apocalipse ilustrava o referido programa chamando a atenção para o oportuno tema central do Congresso: «Levanta-te e resplandece».

Os locais do encontro foram também os já habituais: Para os Serviços de Sábado de manhã, o Teatro Monumental e para os restantes o Templo da Igreja Central.

A abertura do Congresso teve lugar na Sexta-feira às 21,00h na Igreja de Lisboa em que o Pastor Ernesto Ferreira dissertou o tema «Porque Somos Adventistas?».

O ponto alto do Congresso, como é óbvio, seria o encontro no Santo dia de Sábado no vasto auditório do Teatro Monumental, com a presença dos membros representantes das 18 igrejas e grupos da área abrangida por este Congresso. Como pensamos que o melhor arquivo para a história do Movimento em Portugal é a Revista Adventista, achamos útil para as gerações futuras deixar aqui citados os nomes das igrejas atrás referidas: Almada, Alvalade, Amadora, Baixa da Banheira, Barreiro, Cascais, Lisboa, Odivelas, Paivas, Pero Negro, Reboleira, Roçadas, Salvaterra, Santarém, Setúbal, Sintra, Torres Vedras, Vila Franca de Xira.

Não fazemos ideia do número de assistentes — talvez 3 000? — que nesta manhã do Dia do Senhor, 30 de Maio, estava presente já na hora em que tomaram assento na plataforma os participantes no programa da Escola Sabatina, sob a coordenação do Irmão Carlos Lopes da igreja de Cascais.

A lição do dia, intitulada «Justiça Divina, com Amor», era o tema da semana, inserto no trimensário cujo tema geral é: «A Igreja no Lar, Afinal». A lição foi relembrada por monitores de diversas igrejas.

O culto solene esteve a cargo do Pastor Alberto Nunes, que oficiou como Secretário das Actividades Leigas da Associação e que dissertou sobre o tema do congresso: «Levanta-te, Resplandece!».

Nota a todos os títulos digna de menção deste serviço solene do culto, quando o imperativo é «Levanta-te, Resplandece», e no qual devia participar de forma activa toda a assistência, foi a recolha da oferta cujo produto se destinará à abertura de

uma sala de culto na cidade de Évora.

Os serviços da tarde foram transferidos para o Templo da Igreja Central onde iria ter lugar a cerimónia de consagração ao santo ministério do Irmão António Gameiro actualmente dirigindo a Igreja de Setúbal. Oficiou o Pastor Eliseo Cupertino, Presidente da União Sul-Europeia dos A.S.D., acompanhado na oração e na imposição das mãos ao nosso Pastor pelos restantes Pastores presentes. O Pastor João dos Santos fez a apresentação do candidato, a investidura foi feita pelo Pastor Joaquim Morgado e as boas vindas ao seio do corpo pastoral foram-lhe dadas pelo Pastor António Maurício. Seguiu-se o testemunho do novo Pastor António Gameiro e a oração final pelo Pastor Pedro Brito Ribeiro.

Sob a coordenação do Irmão Manuel Vieira teve lugar em seguida um programa leve mas atraente com audições musicais, poesias e experiências dinamizadoras sob o tema: «Jovem, Para Quê?», no qual participaram os jovens das diversas igrejas.

A manhã de Domingo começou com a apresentação de directrizes sobre Escolas Cristãs de Férias, a cargo do Pastor Alberto Nunes e sua esposa Irmã Maria Rosa. Para quem porventura tivesse dúvidas sobre o valor e eficácia evangelizadora dessas E.C. F. para filhos de membros e crianças estranhas dos bairros, devia ter ouvido as sugestões, conselhos e a exposição do material respectivo feitos magistralmente pela Irmã Maria Rosa Nunes.

No fim da manhã, falou o Pastor Eliseo Cupertino sobre o aliciente tema: «Nossa Tríplice Mensagem». Ficámos gratos ao Senhor e ao Seu servo pela apresentação de tão sugestivo e oportuno tema.

Este Congresso não devia terminar com menos brilho e elevação espiritual do que começou. À noite, às 21,00h coube ao Pastor R. Lehnhoff dar na sua pregação a nota tónica do viver cristão: «Seguindo nos Passos do Cristo Paciente». «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

A colaboração musical foi dada na Escola Sabatina pelo coral da igreja de Santarém dirigido pela Irmã Maria Rosa Nunes. No culto, à tarde, na consagração do Pastor A. Gameiro e à noite, pelo coral ELNAEM dirigido pela Dr.^a Eunice Dias. Ouviram-se também com muito agrado os solos do João Paulo e da Ana Maria. Todos contribuíram para encher os nossos corações de harmonia e paz.

P. B. Ribeiro

NOTÍCIAS DE ALMADA

A Emoção da Vitória

Há algum tempo atrás alguém escreveu: «Quando um menino ou uma menina da vossa classe confia a sua mão na vossa, pode ela estar pegajosa por haver acariciado um cachorrinho, e pode ter uma veruga no polegar direito ou um curativo ao redor do dedo mínimo, mas a coisa mais importante é que essas mãos são as mãos do futuro». E, por esse futuro, o jovem cristão luta, esforça-se e dignifica-se. Dentro deste contexto, deste objectivo de preparar hoje o que os nossos juvenis serão amanhã, nasceu a 26 de Outubro de 1980, o Clube de Desbravadores de Almada. Ao desafio que lhes foi lançado, responderam com uma maré de entusiasmo, de alegria e de dedicação própria da adolescência, e tornaram seus os objectivos dos desbravadores. Foram ensaiando os primeiros passos, ainda incertos até que se tornaram num bloco uno, bem consolidado, com uma marcha cadenciada e segura.

A primeira etapa, a primeira «batalha» foi ultrapassada, quando a 17 de Janeiro, numa risonha manhã de sábado, e com a presença do líder Manuel Vieira, dezasseis elementos (oito rapazes e oito meninas) repetiram, um após outro, o voto que agora os guia: «PELA GRAÇA DE DEUS, SEREI PURO BONDOSO E LEAL; GUARDAREI A LEI DOS M.V.; SEREI SERVO DE DEUS E AMIGO DE TODOS».

Mas — graças a Deus! — não ficaram por aqui.

O crescimento espiritual é um contínuo esforço, uma constante renovação, uma subida incessante — e o baptismo é um dos momentos mais importantes, por ser uma «morte» e um recomeço...

Tivemos, pois, uma grande alegria, quando no dia 20 de Dezembro, duas desbravadoras (Catarina Realinho e Arlete Soeiro) desceram às águas baptismas e, mais recentemente, durante as conferências do Pastor Lehnhoff, sete elementos selaram o seu compromisso com Cristo — Artur e Jaime Rodrigues, Margarida Tabor da, Deolinda Seródio, Paulo e José Machado e Rogério Matildes. Novas criaturas em Cristo, eles são membros em potencial da nossa igreja, futuros cidadãos do céu...

A direcção do Clube, ciente da responsabilidade que tem, lança um apelo... e um desafio a todos os pais e crentes que se interessam pelos nossos juvenis: auxiliem com o vosso apoio, estímulo e participação a «empurrar» para a frente essa maravilhosa vitória, esse meio de evangelização que se chama Clube de Desbravadores. A grande meta é JESUS CRISTO. Os acessos que conduzem a Ele não constam no mapa das nossas estradas, mas estão bem desenha-

dos na senda que os desbravadores tri-
lham. Para Jesus, eles têm um valor infini-
to, já que se ofereceu para salvá-los.

Um dia, ao entrardes na cidade eter-
na, farei o possível por levar um desbrava-
dor pela mão...

A directora de Desbravadores de Almada
Lucília Nunes

CONGRESSO IGREJAS CENTRO

Teve lugar aqui na Figueira da Foz o
Congresso das igrejas do centro, tendo co-
mo tema «Levanta-te e Resplandece», cuja
divisa se encontra em Isaías 60:1.

Assim, tiveram lugar actividades di-
versas, nestes 3 dias de Congresso de 29 a
31 de Maio. Estas tiveram lugar no Salão
de Festas do Liceu que, gentilmente, nos
foi cedido para o efeito.



Tivemos a presença do Pastor Manuel
Cordeiro que usou da palavra na cerimónia
de abertura, tendo esta como tónica, que
nós somos o sal da terra, a acção moderada-
ra que todo o cristão deve desempenhar.

As actividades principais tiveram lugar
no Sábado, dia 30, pois a Escola Sabati-
na esteve a cargo do irmão José Carlos
Costa, seguindo-se, após breves momentos
do culto, tendo usado da palavra o Pastor
Morgado o qual em breves palavras fez
alusão ao tema do Congresso, realçando a
maneira como o crente deve resplandecer
para o Mestre. Logo após, o culto foi profe-
rido pelo nosso convidado, o pastor E. Cu-
pertino que é o actual presidente da União
Sul-Europeia, tendo sido traduzido pelo
pastor Joaquim Dias.



À tarde, às 15h 30, teve lugar uma me-
sa redonda, animada pelo pastor Eduardo
Graça, tendo como objectivo dinamizar,
após colocar em debate, os meios, pelos
quais a evangelização deve avançar, ten-
tar saber quais os meios mais adequados
para dar a conhecer a nossa fé. Esteve bas-
tante animado o debate, representando a
mesa coordenadora, diversos membros das
igrejas representadas — Figueira da Foz,
Santana, Leiria, Coimbra, Arganil e Caldas
da Rainha.

Às 19h 30, teve lugar um programa to-
talmente musical, animado pelo irmão
Ilídio Carvalho, tendo a participação dos
Grupos Musicais da Figueira da Foz, Coim-
bra e Leiria. Tivemos momentos de inol-
vidável prazer pois os números apresenta-
dos fizeram-nos esquecer que ainda está-
vamos na terra! Assim, dirijo uma palavra
de apreço aos responsáveis dos grupos que
actuaram — Obrigado.



E para terminar tivemos uma exposi-
ção de livros pela Publicadora, e com algu-
mas aquisições, se encerraram os nossos
trabalhos neste Congresso. Foi mais ou me-
nos assim que se passou este nosso Con-
gresso, só nos resta aguardar o próximo, e
que desta vez seja no Céu, com o nosso Je-
sus para todo o sempre.

Ilídio Carvalho

COROS JAP EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS DE 1 A 3 DE MAIO

A Natureza embelezava-se para dar
maior brilhanti mo à aparição da Juv-
entude Adventista Portuguesa que, vinda do
Norte, Centro e Sul de Portugal, afrontava
com estoicismo um baluarte dum cristia-
nismo apóstata, onde toda a espécie de
vícios e violências são cometidos.

Ajoelham aos pés do padre, mas pro-
curam logo a mulher de virtude; consultam
o médico mas correm de seguida para o en-
direita que sendo «meio médico» é homem
bem sabido e prático.

Pobre gente que coxeia «entre dois
pensamentos».

Havia dias que a chuva regava as ter-
ras; o Sol, agora em sua pujança, dava as
Boas-vindas a esta juventude que, tal como
Elias no Monte Carmelo, havia de gritar:
«Se o Senhor é Deus, segui-o; e se Baal,
seguí-o».

Era acompanhada por uma multidão
de crentes — familiares e amigos. Numa vi-
la de província, sem condições para receber
600 pessoas, como foi possível alojá-los?

Devido à boa vontade das entidades
oficiais que, desde o Presidente da Câmara
pondo à disposição camioneta e condutor
para o transporte de tendas, colchões e ou-
tro material vindos da Costa de Lavos, aos
Bombeiros Voluntários que cederam o seu
vestiário para dormitório dos moços e o par-
que de viaturas para auditório e outras in-
stalações para sala de aulas, para exposi-
ção de trabalhos dos Tições-Desbravadores,
instalações estas no seu novo Quartel re-
centemente inaugurado; à Casa do Povo
que ofereceu as suas instalações para dor-
mitório das moças, além de emprestar to-
das as cadeiras disponíveis; a particulares
que alojaram alguns casais; ao Liceu Major
Neutel de Abreu que colocou à disposição
as cadeiras necessárias para assentar toda
a multidão que viesse assistir.

Igualmente 32 tendas montadas no
parque de campismo da Missão Maranata
albergaram cerca de 120 pessoas e o acam-
pamento de Tições-Desbravadores, realiza-
do numa quinta gentilmente cedida pela
família do Dr. Forte, onde cerca de 100 ju-
venis e jovens realizaram as suas activida-
des.

Na Sexta-feira, dia um de Maio, os
Tições e Desbravadores de Figueiró dos Vi-
nhos que iam ser investidos, acompanha-
dos de todos os outros que vieram das vá-
rias igrejas do País, desfilaram nas ruas da
Vila, reunindo-se depois na parada do
Quartel dos Bombeiros, onde se iniciaram
os exercícios demonstrativos do seu apro-
veitamento, constando do cuidado a prestar
a sinistrados: seu tratamento de urgência,
transporte por diversos meios ao seu alcan-
ce e respiração artificial.

Fortemente aplaudidos pela assistên-
cia souberam os Tições e Desbravadores
demonstrar à assistência o valor de uma
educação que visa o homem total: espírito
mente e corpo, harmoniosamente desen-
volvidos e ao serviço de Deus e seu seme-
lhante. Foram investidos quatro Tições e
um Desbravador.

As tardes e as noites de Sexta-feira e
Sábado foram especialmente preenchidas
com cânticos que muito agradaram.

A compostura e a cortesia de todos os
componentes deste encontro foi notória,
apreciada e muito comentada em contraste
com a atitude assumida dias antes pelos as-
sistentes a um baile dado pelos bombeiros
Voluntários que deixaram as instalações

sanitárias — chão e paredes — conspurcadas.

Finalizou o encontro com um passeio, embora rápido, ao local turístico das Fragas de S. Simão.

De todo este «encontro» ainda hoje se fala, pois nunca Figueiró dos Vinhos recebera em casa tanta gente.

Os Bombeiros Voluntários, com as lágrimas nos olhos agradeceram a oferta levantada no culto e destinada à compra de material, material que se vai deteriorando e inutilizando por completo nos fogos que todos os anos consomem hectares de matas roubando vidas e haveres, que esses abnegados soldados da paz procuram salvar a todo o custo e com risco da sua própria vida. Rendeu 8.500\$00.

Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento ao Departamento da Juventude, a todos os jovens e acompanhantes; Ao Pastor Joaquim Dias que nas noites de Quarta e Quinta-feira, acompanhado dos irmãos Márinho, José Luís Sepúlveda e Mário colocaram verdadeiras manchas de cartazes nas paredes dos principais pontos da Vila; aos Pastores Ezequiel Quintino, José Duarte, Paulo Morgado, Paulo Mendes e irmão Manuel Vieira pela sua colaboração a diversos níveis.

Dotados de um espírito de serviço os Tições e Desbravadores de Figueiró dos Vinhos têm actuado junto dos doentes e idosos; transcrevemos parte de uma carta demonstrativa do apreço em que são tidos:

«Vimos agradecer a vossa Ex^a a visita que se dignou fazer ao nosso Lar de Idosos de S. José, na companhia da sua Ex^a Esposa e bem assim Esposa e Filha do nosso comum Amigo Exm^o Sr. Dr. Forte e do grupo de jovens que por momentos alegraram o ambiente da sala de convívio do nosso Lar, repleto de utentes. Havia um acompanhante invisível que tudo apreciou e certamente relatará.

É com alegria no Senhor que temos tido a nosso lado, e sempre interessada na actuação da Missão Maranata, nas suas actividades sociais e espirituais, a Dr^a Marta Forte, advogada e notária da vila, assim como da sua colega Dr^a Julieta.

A Sr^a Dr^a Marta é casada com o médico Dr. Branco e vivamente interessados assistiram com agrado a muitas das actividades dos tições e Desbravadores onde tinham dois filhos seus, um deles investido nos Tições com a primeira estrêla.

Igualmente a Assistente Social viu um dos seus filhos investido nos tições com a primeira estrêla.

Cinco famílias estão recebendo estudos Bíblicos.

A semente tem sido e está sendo lançada sem desfalecimentos, em todo o terreno e em todo o tempo; estamos convictos que a seu tempo germinará.

Deus nos dê sabedoria e tacto tanto para actuar com os humildes como com os grandes desta Vila, de modo a poder levá-los a Cristo.

Orai por nós sem cessar, Irmãos.

J. Sincer

Jamborée Internacional de Desbravadores no sul da França.

Cerca de 500 Desbravadores dos países europeus da Divisão Euro-Africana reunir-se-ão no sul da França de 23 de Julho a 2 de Agosto de 1981.

É um prazer para o departamento da juventude da Divisão Euro-Africana informar todas as igrejas, pais e Clubes de Desbravadores que se realizará um Jamborée Internacional de Desbravadores no próximo verão em Monoblet, no sul da França, perto da cidade cultural de Montpellier.

Este será o 4º Jamborée Internacional de Desbravadores na Europa organizado pela nossa Divisão. O primeiro teve lugar em Julho de 1961 em «Les Aresquiers», sul da França, sob a direcção da juventude da Divisão naquela altura. O segundo teve lugar em Teehuana, perto de Villach, Áustria, em 1972, e o terceiro em Malcesine, junto ao lago Garda, Itália, em 1977. Desde 1972 começámos a ter um encontro internacional de Desbravadores cada quatro anos.

Onde fica Monoblet? Monoblet é uma pequena aldeia situada numa histórica e antiga área protestante chamada as «Céveunes». O lugar do nosso acampamento fica situado no meio duma cadeia de montes conhecidos pelo nome de os «Portões de Céveunes». Os nossos desbravadores terão oportunidade de aprenderem algo sobre os heróis do passado e explorar alguns lugares históricos interessantes onde, em tempos remotos, o povo do sul da França teve de enfrentar a perseguição por causa da sua fé. Devido ao contexto histórico protestante sugerimos que o lema do Jamborée seja «Coragem na Bíblia». A Bíblia está repleta de exemplos de homens de grande coragem em épocas históricas diferentes. O Espírito de Profecia também nos ajudará a desenvolver este tópico sob muitos aspectos.

O lugar do acampamento está rodeado de montes e bosques e a propriedade é atravessada por um belo regato o qual permite que se tome banho em dois ou três lugares. A costa fica a cerca de 50Km do acampamento, onde podemos visitar lugares históricos tais como a «Torre de Constança».

Estamos felizes de poder informar todos os nossos membros de igreja, os pais, e bem assim todos os nossos queridos Desbravadores acerca das belezas atractivas da natureza ao redor deste Jamborée especial, devido ao seu ambiente natural, afastado dos grandes centros urbanos com o seu mundanismo e o ruído da civilização industrial. Os nossos Desbravadores passarão dez dias ao ar livre e em contacto directo com a bela natureza do sul da França. Terão a oportunidade de conhecer jovens de outros países e de línguas e culturas diferentes; e acima de tudo a possibilidade de aprenderem da Bíblia e da história religiosa

do passado. Será, sem dúvida, uma experiência maravilhosa para cada participante.

Esperamos ter lá a presença de 500 Desbravadores do Norte e do Sul. Que o Senhor inspire os nossos membros de igreja e os pais a apoiarem este futuro acontecimento internacional.

Para mais informações, contacte, por favor, o Director de Jovens da vossa Associação.

N. Bulzis
Director de Jovens da Divisão Euro-Africana.

ALUNOS DE SAGUNTO

Nesta fotografia encontram-se os alunos portugueses que estão frequentando o Seminário de Sagunto no ano lectivo de 1980/81.



LIBERDADE RELIGIOSA

DR. PIERRE LANARÈS, Secretário-Geral da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa.

Esteve em Portugal, a convite da Secção Portuguesa desta Associação, a fim de estudar alguns problemas relacionados com a revisão constitucional e o estatuto dos objectores de consciência.

Contactou, neste sentido, várias entidades em Lisboa, Porto e Ponta Delgada, entre as quais o Presidente da Assembleia da República, o Secretário de Estado da Defesa, o Bispo do Porto, e deputados dos vários partidos com assento na Assembleia da República.



ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA DEFESA DA LIBERDADE RELIGIOSA

O Dr. Pierre Lanarès realizou no Auditório de Ponta Delgada, dia 13 de Maio, uma conferência subordinada ao tema «A VIDA RELIGIOSA NA UNIÃO SOVIÉTICA». Esta conferência foi repetida na Igreja Central de Lisboa no dia 19 de Maio.

Colecção «Palavras de Vida»

Eis alguns temas desta colecção:

A Solução é Cristo

- A necessidade de confiar, conhecer e aceitar a Deus

Seguro Social Divino

- Confiança no Plano que Deus tem para nós
- Recompensa do Mordomo fiel

Quem são os Adventistas?

- Gente optimista
- Confiança na Bíblia
- Amigos de Jesus
- Um povo saudável

A Doutrina do Arrebatamento Secreto

- A Hora do Arrebatamento
- Crenças Populares
- Acontecimentos relacionados com a vinda de Cristo

Do Sábado para o Domingo

- A mudança da observância do Sábado
- Como, porque e por quem foi feita a mudança
- A posição do protestantismo

Peça-os ao Secretário da Sociedade Missionária da Sua Igreja ou à:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.
Rua Salvador Allende, lote 18 - 1.º
2686 SACA VÉM Codex